

O ideal de paz mundial

Carlos de Meira Mattos*

Em setembro último, em Nova York, 175 chefes de Estado e de governo, membros da ONU, reuniram-se para comemorar os 60 anos da Organização Mundial. Ao ser fundada, em 1945, pela Ata de Chapultepec, logo após o final da Segunda Guerra Mundial, eram apenas 51 Estados-membros. Durante os últimos 60 anos, mais do que triplicou o universo de países livres no mundo – na mesma proporção cresceu a ONU.

A reunião dos principais líderes de todo o planeta em Nova York traz de volta a reflexão sobre a saga do ideal de paz mundial. Grandes filósofos, como Kant (*A Paz Perpétua*) e Rousseau (*Discursos*), no século XVIII, entre outros pensadores, bem expressaram o ideal de paz da humanidade.

A ONU, assim como a antiga Liga das Nações e o anterior Congresso de Viena, foi criação de países vencedores de grandes conflitos bélicos que ensanguentaram a humanidade. Os três nasceram sob a égide do ideal de paz e segurança duradoura para todos os povos do mundo.

A declaração de princípios das três cartas acima citadas contém o compromisso das grandes potências vencedoras de protegerem a humanidade da desgraça de novas guerras e de zelar pela harmonia entre os povos.

A história registra o fracasso do Tratado de Viena e da Liga das Nações. A ONU, ainda viva, recebe pesadas críticas por sua incapacidade de cumprir sua missão de paz.

Durante essas seis décadas de existência, mais de 200 conflitos armados localizados entre países, etnias e religiões sangraram – e al-

guns ainda sangram – o nosso planeta, tais como o conflito Israel-Palestina e as guerras no Iraque, no Afeganistão, em Kosovo e outras na África.

O atual presidente da ONU, o africano Kofi Annan, durante as recentes comemorações dos 60 anos, em Nova York, fez um balanço das dificuldades e deficiências do organismo para cumprir, principalmente, a sua missão política principal de assegurar a paz e a segurança entre os povos do mundo. O projeto de reforma da instituição, elaborado pela Secretaria-Geral e submetido ao conclave dos 175 membros presentes, não encontrou consenso entre os “grandes” e teve sua aprovação adiada, causando decepção à maioria.

Contém o projeto de aprovação postergada, entre vários corretivos às insuficiências da ONU, a “pedra de toque” da insatisfação da grande maioria dos países – a estrutura e o excessivo poder (direito de veto) dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança (Estados Unidos, Inglaterra, França, Rússia e China). A proposta adiada ampliaria o número de membros deste Conselho de 15 para 25 e o reajustaria a fim de torná-lo mais democrático e geograficamente mais representativo. O Brasil era um dos candidatos mais cotados a ocupar um lugar de membro permanente, assim como a Índia, a Indonésia e a Nigéria.

A ONU de hoje pouco se parece com aquela instituição nascida em 1945. Cresceu desmesuradamente, transformou-se em uma macroorganização internacional. De 51 membros fundadores, passou a abrigar 191 Estados.

Sua estrutura perdeu representatividade. Abriga a Corte Internacional de Haia, a Unesco,

* O autor é General-de-Divisão.

o Conselho Econômico e Social e inúmeras agências reguladoras de indispensáveis atividades externas dos países de um mundo globalizado, tais como comércio, trabalho, agricultura, saúde, meio ambiente, direitos humanos, energia nuclear, aviação, comunicação, correios, refugiados, forças de paz. A organização luta com enormes dificuldades financeiras em virtude da falha contribuição dos países-membros e constante crescimento de seus encargos.

Em entrevista concedida à imprensa, publicada na revista francesa *L'Express* (22/9/03),

o Secretário-geral Kofi Annan, fazendo um balanço do desempenho da ONU, lamentou o adiamento das reformas propostas na recente reunião dos 175 membros em Nova York, que, a seu ver, viriam minorar muitas dificuldades e aumentar a eficiência do organismo internacional. Mencionou seus fracassos e êxitos em setores de suas multiformes atribuições e terminou destacando que, apesar de gigantescas dificuldades, "somos a última instância em que todos os problemas cruciais podem ser discutidos em escala planetária".

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Coleção General Benício



Terrorismo, um Retrato

David J. Whittaker

Trata-se de perfeita introdução ao estudo do novo fenômeno que preocupa a humanidade: *o terrorismo internacional*. A obra reúne significativa matéria oriunda de estudiosos desse complexo tema que, ora, aflige a humanidade. O autor explora definições, conseqüências sociológicas e psicológicas, legais e éticas. Este título oferece aos assinantes/leitores novas informações da forma e dos processos de atuação do terrorismo mundial em sua tentativa para desgastar a autoridade do Estado constituído.